

Carta de Chico Veríssimo a seus amigos, em que o escritor conta a verdade sobre a sua visita a Portugal, Barcelona, 27 de Março de 1959

Companheiros:

Tendo lido nos jornais do Brasil as mais diversas e traidoras notícias sobre a minha recente visita a Portugal, apressei-me a estabelecer a verdade.

Segundo um telegrama da U. T. P. datado de 18 do corrente, um deputado português denunciou ondem que membros da Opção utilizaram a visita do escritor brasileiro, Chico Veríssimo, para tirar vantagens políticas.

A verdade é bem outra. Essa comecemos pelo princípio: minha visita a Portugal não teve nem podia ter carácter oficial pela simples razão de que não costumo aceitar favores de governos totalitários.

A notícia divulgada por uma agência internacional de que eu visitava aquele grande país a convite do seu Secretariado de Informação e Turismo é absolutamente falsa. Não fei e consigo a viajar por conta própria e, em Portugal fui hóspede de meu amigo e editor António de Sousa Tondo, que é apolítico.

É natural que, durante a minha estadia em Lisboa e no Porto, bem como em outras cidades portuguesas eu tivesse preferido a companhia dos escritores da Opção, pois com eles está

1911

AHS

o meu espírito e o meu coração. Quanto a esta brava gente, ela viu em mim principalmente o cidadão de um país em que existe a liberdade de imprensa, o representante de uma democracia, - defeituosa é verdade - mas democracia. Nada mais fiz que abrir uma fenda da janela por onde entrou uma golfada de ar puro e livre que, por um momento, aliviou um ambiente abafado e opressivo.

Estas minhas conferências em Coimbra, no Porto, em Lisboa, em Setúbal, Évora e Vila Rica, deixei bem livre claro que não contra todas as ditaduras e que detesto qualquer regime que roube ao povo a sua liberdade e a sua dignidade.

Foi ocasião do meu último esboço em Lisboa, no anfiteatro da Faculdade de Medicina, na Universidade, quando um jovem me perguntou qual era a minha opinião a respeito da crise em que se debatia a literatura portuguesa, respondi sem hesitar: "A censura". E acrescentei: "Seria demeritidade ou covardia não falar claro numa hora como esta." O discurso com que agradei à Sociedade Portuguesa de Escritores, pela jantar que me ofereceu, deixei ainda mais claro, e com mais veemência, o meu

AHS

pensamento liberal. ataquei a censura, a violencia
 policial e totalitarismo. Precisava ser ainda mais
 claro? Devia esse neto de Tropeiro dar nome aos bois?
 Quem procurou explorar a minha vida foram
 os governistas. O Secretariado de Informacao
 insistiu para que eu aceitasse uma honre-
 gem. Inquirei-me até o último momento.
 O Circulo Epca de Luíroz convidou-me pa-
 ra um jantar. Como podia eu recusar
 o convite de um grémio que tem como patro-
 no um escritor liberal que tanto admirei? E
 agora o mesmo deputado que acusa a fidei-
 ção de me haver explorado para fins políti-
 cos confessa que esse circulo é composto por
 salazaristas. O que eu disse no meu discur-
 so dessa noite foi, entre outras coisas, que
 eles podiam ficar descausados, pois eu iria
 contar aos meus amigos brasileiros, honesta-
 mente, exactamente o que vi e senti
 em Portugal. E o que esteu começando a fa-
 zer. Os salazaristas andam tambem arrastados
 contra nosso embaixador, o escritor charrá fins,
 por ter esse concedido asilo na embaixada
 do Brasil ao General Humberto Delgado.
 Tudo fazem para ~~afirmar~~ difamar e dese-
 creditar aquelo diplomata cuja conduta

AHS

Tem sido exemplar na sua corajosa coerência
 Esquecem-se os governistas portugueses que em
 1938 refugiaram-se na embaixada de Portugal
 no Brasil, dois membros do grupo que arrastou
 o palácio de Catete Guanabara, aludido
 contra a vida do então Presidente Getúlio
 Vargas e a de membros de sua família.
 O Brasil, no entanto, respeitou o direito de
 asilo e permitiu que os dois refugiados saíssem
 do país sem nenhuma complicação. O povo
 português, porém sabe com quem está a ra-
 zar e onde quer que encontre o embaixador estivo
 lá, aplaude-o entusiasticamente.
 Jamais ter que dizer todas estas coisas. Foi recebi-
 do com grandes simpatias as cartas e ami-
 gade pelo Tivo de Portugal. Não quero, entretanto, ver
 que estes queridos amigos realmente possam que a
 continuidade do Salazarismo seja essencial à felice-
 dade de Portugal.
 alguma hora como esta em que estão em jogo prin-
 cipios que reputo vitais para o homem e os seus dese-
 jos e liberdades e a ciência ou a reticência seriam um
 crime. Conheço estas linhas de Barcelona. Antes que
 comece outra campanha de notícias falsas, dirá
 que ainda viajo por conta própria e, até este mo-
 mento o único contacto que tive com elementos
 do franquismo foi através do funcionário na
 fronteira com Portugal que carimbou o meu
 passaporte.

AHS